

Caminhada pela conscientização da prevenção ao câncer de mama

A Seccional Rio de Janeiro da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ) promoveu, na manhã do último domingo (26), na Avenida Atlântica, em Copacabana, uma caminhada pelo ‘Outubro Rosa’, mês de conscientização sobre o câncer de mama. O objetivo foi alertar para a importância da prevenção e do diagnóstico precoce. Advogados e Advogadas de várias partes do estado e de diferentes comissões da Seccional participaram do evento.

A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio, que teve câncer de mama há 15 anos, participou da caminhada e falou sobre a importância da realização de exames, como a mamografia, e do autoexame. “Tive câncer de mama, usei peruca, fiz quimioterapia, radioterapia. Graças a Deus, estou aqui para comemorar a vitória contra o câncer. Hoje, no entanto, a nossa missão é muito mais importante, que é falar sobre a prevenção, que salva vidas.



OAB-RJ



Caminhada aconteceu na Avenida Atlântica, em Copacabana

As mulheres não precisam ter medo de fazer mamografia, devem fazer o autoexame para verificar se há alguma alteração na mama. O câncer hoje tem cura, mas a gente precisa contribuir fazendo a prevenção”, disse.

A caminhada foi organiza-

da pela Comissão de Defesa dos Direitos dos Pacientes Oncológicos e em Cuidados Paliativos da OAB-RJ, cuja, presidente Solange Pacheco também enfrentou um câncer de mama há cinco anos.

“Com esse evento, estamos

fechando o mês de outubro com chave de ouro. É fundamental conscientizar as mulheres sobre a necessidade do autocuidado. É uma oportunidade também de celebrar a vida daqueles que passaram e que estão passando por um câncer”, comentou.

OAB-RJ participa da abertura do 10º Fórum Jurídico do BRICS no Rio

A OAB-RJ participou, na última sexta-feira (24), do 10º Fórum Jurídico do BRICS, encontro que reuniu representantes dos três poderes, do meio acadêmico e de instituições jurídicas dos países que compõem o bloco — Brasil, África do Sul, China, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Índia, Irã e Rússia.

Com o tema ‘Fortalecendo a Cooperação do Sul Global por uma Governança Mais Inclusiva e Sustentável’, o evento promoveu debates sobre sustentabilidade, governança internacional e integração jurídica, reforçando o papel estratégico das instituições de justiça na construção de um mundo mais equilibrado e colaborativo.

A presidente da OAB-RJ, Ana Tereza Basilio, participou da abertura do Fórum, ao lado do presidente do Conselho Federal da OAB, Beto Simonetti, e do ex-presidente Felipe Santa Cruz.

“É motivo de orgulho sediar



Ana Tereza Basilio, presidente da OAB-RJ



Fotos OAB-RJ

Fórum reuniu representantes dos três poderes, do meio acadêmico e de instituições jurídicas do Brasil, África do Sul, China, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Índia, Irã e Rússia



Beto Simonetti, presidente do Conselho Federal da OAB



Felipe Santa Cruz, ex-presidente da OAB Federal

um encontro tão diverso e representativo, que reúne grandes advogados de países com distintas tradições jurídicas em

torno de um objetivo comum: reforçar os alicerces do Direito, da Justiça e da necessária cooperação internacional, baseada no

diálogo, no respeito mútuo e na busca por soluções inclusivas e sustentáveis para os desafios contemporâneos”, disse.

PINGA-FOGO

■ **MOVIMENTOS SOCIAIS VÃO INVADIR O PLANALTO PARA A POSSE DE BOULOS** - A posse do deputado federal Guilherme Boulos como ministro da Secretaria Geral da Presidência vai fazer o Palácio do Planalto tremer. Vai haver uma verdadeira invasão de líderes dos diferentes movimentos sociais do país. A revoada de lideranças começa nesta terça com os conselhos nacionais convocando os líderes para acampar em Brasília. Ao contrário da última campanha para prefeito, com o Boulos Paz e Amor construído pelos marqueteiros, o Boulos ministro vai voltar às origens e usar a posse para incendiar a militância. A festa começa às 16 horas desta quarta, 29.

■ **SALLES QUER SER A METRALHADORA GIRATÓRIA DO BOLSONARISMO NO SENADO** - A candidatura do deputado federal Ricardo Salles pelo Senado por São Paulo tem aparecido cada vez mais com chances de vitória. O ex-ministro de Bolsonaro tem afirmado que, como senador, vai fechar artilharia contra os inimigos de Jair Bolsonaro sem piedade. Ele defende também o nome do senador Flávio Bolsonaro para a presidência do Senado. “Quem vai abrir o processo de impeachment de Alexandre de Moraes tem o sobrenome Bolsonaro”, afirma Salles em rodas de amigos paulistanos.

■ **FLÁVIO BOLSONARO TESTA CANDIDATOS À SUCESSÃO DO RIO EM PESQUISAS** - O senador Flávio Bolsonaro dará a palavra final sobre os candidatos que o PL apoiará no Rio na chapa majoritária. Ele aguarda uma pesquisa onde testa alguns nomes, entre eles o do deputado general Pazuello e do ex-presidente do Flamengo, Rodolfo Landim. Ele quer evitar o fiasco eleitoral da campanha de Alexandre Ramagem à prefeitura. Pesquisa passou a ser coisa séria no seio do PL Fluminense.

■ **PRESENTE DE ANIVERSÁRIO PARA LULA: BRIGA FRATRICIDA DE DOIS CACIQUES DO PT FLUMINENSE** - Apesar do fuso horário, o presidente Lula ficou estarelecido com a briga de foice das duas grandes estrelas do PT Fluminense. “Não

imaginava receber um presente de aniversário tão triste destes dois amigos”, confidenciou Lula aos amigos mais próximos que ligaram para parabenizar pelo natalício, comemorado em dose dupla, no horário da Ásia e no horário do Brasil. Colocou como prioridade, no retorno da viagem, chamar os dois caciques petistas para um puxão de orelha coletivo.

■ **Brigas como essas a gente sabe como começa e não sabe como termina. Para Lula e seu grupo mais próximo, o palanque do Rio é fundamental para a reeleição.**

■ **LUCIANO VIEIRA É RECONHECIDO COMO O GRANDE ANFITRIÃO ENTRE OS DEPUTADOS FLUMINENSES** - O almoço do deputado Luciano Vieira no Rio demonstra que ele é um grande anfitrião não só em Brasília. Ele é vizinho do deputado Valdecy da Saúde no mesmo condomínio no Rio. A sua demonstração de força foi aplaudida por aqueles que não se conformavam com o destino pí-fio que o PSDB teve no Rio depois das últimas executivas. A única estrela tucana não presente no almoço para comemorar a chegada do moço à legenda foi o deputado Aécio Neves. Não prestigiou, mas também não foi contra a entrada e a entrega do partido ao parlamentar.

■ **ADVOCACIA EM LUTO - Morreu aos 79 anos o advogado Sérgio Bermudes, um dos nomes mais conhecidos da advocacia brasileira. Fundador de um dos maiores escritórios do país, ele foi referência em direito processual e atuou em casos de grande repercussão nacional. O advogado faleceu neste domingo, 27 de outubro, no Rio, em decorrência de uma sepse respiratória. Ele estava internado havia sete meses no Hospital Copa D’Or, em Copacabana.**

■ **EDUCAÇÃO FINANCEIRA EM FOCO** - O secretário da Juventude do Distrito Federal, André Kubitschek, promoveu em Brasília um encontro voltado à educação financeira de jovens, reunindo estudantes, especialistas e representantes do setor público em uma iniciativa dedicada a incentivar o planejamento e o uso consciente do dinheiro. O evento apresentou palestras e dinâmicas sobre temas como poupança, investimentos e empreendedorismo, com foco na formação de uma nova geração mais preparada para lidar com as finanças pessoais.

Fernando Molica

Milei e o barítono desafinado

Mais do que apoiar Javier Milei — cuja popularidade não para de cair —, o eleitorado argentino indicou não querer a volta do peronismo: não votou a favor do candidato, mas, principalmente, contra seu adversário mais óbvio.

Um comportamento que remete a uma velha piada do canto lírico: vaiado pelo público, um tenor desafinado se dirige à plateia e avisa, irônico: “Não gostaram? Esperem pelo barítono...”. A Argentina demonstrou que conhece bem e rejeita o cantor que se preparava para entrar em cena.

Dados da pesquisa AtlasIntel, divulgada na sexta-feira passada, ajudam a entender o resultado eleitoral. A imagem de Milei era negativa para 55% dos pesquisados; a positiva, de 42%. Mas este último percentual era um pouco superior aos 40% do peronista Axel Kicillof, governador da província de Buenos Aires, e aos 36% da ex-presidente Cristina Kirchner, que está em prisão domiciliar. Segundo a pesquisa, 52% tinham imagem negativa de Kicillof; 57%, de Cristina.

A comparação da pesquisa com as urnas revela que o desgaste do presidente gerado pelas consequências sociais de sua política econômica ainda não parece ter sido suficiente para fazer com que a maioria do eleitorado superasse o trauma deixado por administrações anteriores. Na

dúvida, eleitor deu um crédito ao presidente de um país que, segundo Donald Trump, não tem nada e luta para não morrer.

O exemplo argentino ajuda a entender movimentos do eleitorado brasileiro igualmente medidos por pesquisas. De acordo com o mesmo AtlasIntel, apenas neste mês de outubro a aprovação do governo Lula voltou a superar a desaprovação — ele estava no vermelho desde dezembro do ano passado.

Em janeiro, quando ganhou corpo a história de que haveria cobrança de impostos para transações com Pix, a aprovação do governo caiu ainda mais e subiram as intenções de voto no já inelegível Jair Bolsonaro. Mas em julho, o presidente voltou a liderar as pesquisas, ainda que estivesse no vermelho no quesito popularidade.

Ou seja: é claro que a popularidade de um governante se reflete nas intenções de voto. Mas, para o cidadão comum, não identificado com correntes políticas, eleição nem sempre se trata da escolha de um candidato perfeito, mas daquele que ele considera melhor — ou menos pior — que os demais. E foi isso que a maioria dos argentinos disse anteontem nas urnas — melhor o tenor novo que o barítono velho de guerra.

O recado vindo do sul mostra também que a direita está

viva, serve de alerta para um setor da esquerda que insiste em rejeitar qualquer tipo de reforma do Estado brasileiro. Muito do desgaste peronista vem do cansaço com a ocupação da máquina pública, a concessão de benesses que se mostraram impagáveis.

O aviso deveria incomodar setores da máquina estatal brasileira — como o Judiciário, Ministério Público e Forças Armadas — que insistem em chamar privilégios de direitos adquiridos, que se aferrem na defesa do que deveria ser motivo de vergonha.

A insistência na manutenção de absurdos como férias de dois meses desgasta o serviço público e colabora para o fortalecimento de uma visão privatista capaz de afiar a motosserra de Milei.

A manutenção de privilégios fiscais bilionários colabora para fortalecer a ideia de que o Estado é grande apenas para garantir favores aos amigos de sempre.

Brasil e Argentina têm realidades bem distintas, mas também algumas semelhanças. Diferentemente do que ocorreu nos anos 1980, não dá, hoje, para se falar em Efeito Orloff, fenômeno que pegava carona no slogan de uma vodka que se tornara muito popular: “Eu sou você amanhã”. Mas nunca se pode descartar a presença de metanol na caipirinha.

Tales Faria

Governo teme “risco real” de invasão da Venezuela

Em 31 de março de 1964, horas antes do golpe de Estado no Brasil, a cúpula militar norte-americana havia deflagrado a chamada “Operação Brother Sam”.

Conta o historiador Carlos Fico, da UFRJ, no livro “O Grande irmão - Da Operação Brother Sam aos Anos de Chumbo: O governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira”, que ali os EUA decidiram enviar ao Brasil um aparato de apoio ao golpe urdido por militares brasileiros.

Vieram um porta-aviões, um porta-helicópteros, um posto de comando aerotransportado, seis contratorpedeiros (dois equipados com mísseis teleguiados) carregados com cerca de 100 toneladas de armas (incluive um tipo de gás lacrimogêneo para controle de multidões chamado CS Agent) e quatro navios-petroleiros que traziam combustível para o caso de um eventual boicote do abastecimento pelas forças legalistas.

O porta aviões USS Forrestal e os fuzileiros não chegaram ao Brasil. No dia 2 de abril o primeiro presidente do regime militar, Humberto Castelo Branco, avisou aos norte-americanos que já não precisaria do suporte dos EUA.

Agora a história está quase se repetindo: o presidente dos

EUA mandou para a proximidade da Venezuela o destróier USS Gravely acompanhado de um grupo de mariners.

Estão atracados nas águas de Port of Spain, Trinidad Tobaco, em frente à Venezuela. Prontos para agir assim que o presidente norte-americano determinar.

Os EUA já reuniram uma força composta por navios de guerra, caças, bombardeiros, fuzileiros navais, drones e aviões espões na região. O próprio Trump chegou a admitir ter autorizado operações secretas e terrestres na Venezuela da Agência Central de Inteligência (CIA, na sigla em inglês).

A união desses dois fatos - 1964 no Brasil e a Venezueka agora - tem levado os diplomatas brasileiros a lembrar ao Planalto a célebre frase de Karl Marx no livro 18 Brumário de Luís Bonaparte, em que ele citou um filósofo alemão: “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa.”

De início, o governo brasileiro assistiu às movimentações de Donald Trump na Venezue-

la como uma farsa, mas agora começa-se a analisar que ali talvez esteja em curso uma tragédia: esta será, se completada, a primeira grande intervenção militar dos Estados Unidos na América do Sul.

Para o governo brasileiro, já dá para encavar como um risco real a situação, e que a intervenção precisa a todo custo ser evitado pela diplomacia.

Daí o oferecimento que o presidente Lula fez a Trump de intermediar as negociações entre EUA e Venezuela, quando os dois se encontraram na Malásia.

O Brasil considera fundamental evitar o conflito, não só pelos 2.200 km de extensão da fronteira do país com a Venezuela, mas para preservar ao máximo o caráter historicamente pacífico da geopolítica na região.

Ainda mais por causa das descobertas de que a Margem Equatorial do Brasil, o litoral da Guiana e da Venezuela podem tornar aquela área como a região mais importante do mundo em termos de reservas petrolíferas.

As ambições econômicas que este tipo de situação desperta transformaram o Oriente Médio num barril de pólvora que até hoje ameaça o mundo.

O risco é real.